

USOS DO *POEMA DE MIO CID* NO BRASIL: SUBSÍDIOS PARA UMA ANÁLISE DO MEDIEVO IBÉRICO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

USES OF MIO CID'S POEM IN BRAZIL: SUBSIDIES FOR AN ANALYSIS OF THE IBERIAN MEDIEVAL IN BRAZILIAN HISTORIOGRAPHY

Lívia Maria Albuquerque Couto¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo ponderar como o período do medievo tem sido analisado no Brasil, principalmente, através do *Poema de Mio Cid*. Nesse sentido, em um primeiro momento abordaremos como a Idade Média conseguiu espaço na historiografia brasileira, pois apesar de inserida num contexto de depreciação, o estudo acerca da temática vem crescendo, sobretudo, no ambiente acadêmico. Em seguida, por meio de uma revisão historiográfica do estudo do *Poema* analisaremos como o documento vêm sendo utilizado e quais as principais lacunas deixadas por estes estudos, desse modo, fazer um balanço da historiografia brasileira sobre o período medieval ibérico, utilizando o *Poema de Mio Cid*.

Palavras-chave: Idade Média; Poema de Mio Cid; Historiografia Brasileira.

Abstract: The present article aims to consider how the period of the medieval has been analyzed in Brazil, mainly through the *Poem by Mio Cid*. In this sense, in a first moment we will examine how the Middle Ages, got space in the Brazilian historiography, because although it is inserted in a context of depreciation, the study about the thematic one has been growing, mainly, in the academic environment. Then, through a historiographic review of the study of the *Poem*, we will analyze how the document has been used, and what are the main gaps left by these studies, thus, to take stock of the Brazilian historiography about the Iberian medieval period, using the *Poem by Mio Cid*.

Keywords: Middle Ages; Poem by Mio Cid; Brazilian Historiography.

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (PPGH/UFPE). Integrante do Grupo de Pesquisa *Dominium: Estudos sobre Sociedades Senhoriais* (CNPq/UFS). <https://lattes.cnpq.br/6681583460967720>. <https://orcid.org/0000-0003-4175-1532>. Bolsista PPGH-UFPE/CAPEL. E-mail: couto.livia@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A presença do *Poema de Mio Cid* no Brasil transcende suas fronteiras geográficas e temporais, permeando o tecido cultural e histórico do país de maneiras multifacetadas. Sua utilização e estudo, no contexto das pesquisas brasileiras, não apenas enriquecem nossa compreensão da literatura e da história Ibérica, mas também oferecem subsídios significativos para uma análise mais ampla do Medievo Ibérico na Historiografia Brasileira. Desse modo, exploraremos a relevância e as contribuições que o *Poema de Mio Cid* oferece para uma compreensão mais abrangente do passado ibérico, e como esse documento tem sido empregado em pesquisas de diversas áreas do conhecimento.

Desde sua entrada no repertório cultural brasileiro, o *Poema de Mio Cid* tem sido objeto de estudo e apreciação, não apenas como uma obra literária distante, mas como um documento vivo que lança luz sobre as dinâmicas sociais, políticas e culturais da península ibérica medieval. Ao investigar as diferentes maneiras pelas quais o *Poema* tem sido incorporado à historiografia brasileira, poderemos compreender melhor não apenas a recepção do texto em si, mas também as representações e interpretações do medievo ibérico que emergem no contexto brasileiro.

Nesse contexto, investigaremos o papel dessa obra literária medieval nos estudos sobre o período medieval ibérico. É relevante destacar como, a partir do romantismo do século XIX, houve uma mudança na percepção da Idade Média. De uma visão negativa como a “Idade das Trevas”, passou-se para uma idealização da “Idade de Aurora”, na qual a literatura retrata a Idade Média como um período repleto de maravilhas, heroísmo, sentimentos nobres, destacando-se as narrativas de gestas de cavalaria e do amor cortês².

Segundo Jacques Le Goff (2005), seu interesse na Idade Média surgiria desse encantamento romântico, da literatura que lhe apresentava lugares-símbolos dessa época, como a floresta e o castelo; os personagens estereótipos como o cavaleiro, o monge, a dama; os sentimentos, como o amor cortês, a coragem, a fé, o destemor diante do outro homem e do sobrenatural, o temor de Deus. Mas também os lugares concretos como os castelos e as catedrais medievais que se mantêm erguidas até hoje na Europa ao lado de modernas construções, fazendo com que o tempo, os séculos, se reduza às vezes a quilômetros ou metros de distância.

Portanto, é crucial ressaltar o papel significativo da literatura na aceitação e na construção do conceito de “medievo romântico”. Essa abordagem deslocou o foco da visão negativa para outras

² Podemos citar como exemplo, as obras *Tristão e Isolda* e *O rei Arthur*. Esta última de autoria de Thomas Malory. Quanto a primeira, as obras literárias mais antigas sobre Tristão e Isolda que chegaram até hoje são fragmentos de dois romances em verso escritos na segunda metade do século XII em francês antigo. O primeiro deles, composto no período entre 1160 e 1190 por um misterioso autor chamado Bérroul. A outra obra é *Tristan*, escrita por Tomás da Inglaterra cerca 1170.

facetas do período medieval. No entanto, para alguns, essa mudança levanta questões sobre a cientificidade da História, especialmente quando a pesquisa se baseia em fontes literárias. Essa problemática suscita debates importantes sobre a interdisciplinaridade e os métodos de investigação histórica. Desse modo, alguns historiadores, como Paul Veyne em seu livro “Como se escreve a História” (1971), desafiaram as concepções estabelecidas até então sobre a prática histórica. Suas indagações questionaram a própria natureza científica da disciplina, provocando reflexões profundas sobre os métodos e abordagens tradicionais da História.

Embora as fontes literárias ofereçam perspectivas valiosas sobre a mentalidade e as representações culturais de uma época, também levantam desafios em relação à sua interpretação e objetividade. Por isso, é necessário um cuidadoso exame crítico das fontes literárias dentro do contexto histórico mais amplo, reconhecendo tanto seu potencial como suas limitações na reconstrução do passado. Este diálogo entre a Literatura e a História é fundamental para uma compreensão mais completa e complexa do Medieval e de outras épocas históricas.

No Brasil, desde a década de 1950, os estudos da teoria literária exercem uma influência significativa sobre a reflexão histórica. Essa influência se manifesta na intersecção entre a literatura e a história, proporcionando novas abordagens para a compreensão do passado. Autores como Antonio Candido (1965), por exemplo, exploraram as relações entre literatura e sociedade, contribuindo para uma visão mais ampla e integrada da história cultural brasileira. Podemos destacar que as principais contribuições advindas destas áreas do conhecimento alertam para a falta de correspondência direta entre texto, autoria e contexto, sendo que os textos possuem leis próprias de estruturação e construção; sublinham que não existem sentidos naturais ou verdades atemporais e universais (CARDOSO; VAINFAS, 1997).

A partir destas contestações, tornou-se evidente que o trabalho do historiador, ao reconstruir o passado, é uma tarefa muito mais complexa do que ler e interpretar os documentos. Faz-se necessário analisá-los, considerando as particularidades formais dos textos e os processos de produção de sentido. Segundo Pesavento (2005), como narrativa a História apresentava versões sobre os fatos que teriam ocorrido um dia, narrativas essas elaboradas de forma subjetiva a partir de dados objetivos, por escolhas feitas pelo historiador diante de um horizonte infinito de temas. Dessa maneira, o historiador selecionava, simplificava e organizava os dados do passado em função de uma pergunta para a qual construía uma resposta, dotada de um sentido. Assim, afirmando que as fontes literárias não deslegitimam a pesquisa histórica, mas sim fazem parte do material de pesquisa, ou seja, são uma fonte como outra qualquer.

Portanto, destaca-se a importância do “lugar do historiador”, conceito explorado por Michel de Certeau (2011). Esse lugar, criado pela prática histórica, envolve a combinação entre o modelo

estabelecido e suas variações, ou a atuação na fronteira entre regularidade e desvio. Mais relevante do que a mera referência ao passado é a sua reintrodução com uma perspectiva e distância críticas. Assim, a operação histórica, *grosso modo*, historiciza o atual, exige a explicitação sobre a relação da razão em um lugar próprio que por oposição a um passado se torna presente. Logo, depende unicamente do historiador lidar com as fontes literárias, e construir suas representações acerca delas.

Considerando tudo o que foi abordado, ressaltamos que o objetivo central deste artigo é destacar a importância de estudar a historiografia da Idade Média Ibérica em conjunto com os debates sobre o uso do Poema de Mio Cid. Não pretendemos realizar uma síntese abrangente da historiografia sobre o medievo ibérico, mas sim elucidar como esse período foi retratado por diversos autores através desse documento específico. Para isso, examinaremos alguns estudos especializados nesse tema, a fim de traçar um panorama da historiografia brasileira sobre o medievo ibérico, tendo o Poema de Mio Cid como representante de um momento particular desse período histórico, ou seja, os séculos XII e XIII.

IDADE MÉDIA E A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

A pesquisa histórica, tal como a entendemos hoje, tem suas origens no Brasil durante o período do Império (1822-1889). Durante a fase subsequente, conhecida como República Velha (1889-1930), os estudos históricos foram principalmente conduzidos por eruditos associados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, conforme observado por Araújo (2011). O IHGB tinha como objetivo a preservação da memória nacional por meio da organização e conservação de acervos documentais e a promoção da escrita da história do Brasil por meio de concursos, dos quais surgiram alguns textos fundadores como os de Carl Von Martius, “Como se deve escrever a História do Brasil” (1840), e o de Francisco Adolfo Varnhagen, “História geral do Brasil” (1854).

De forma análoga a instituições europeias da época, o IHGB pretendia, por meio da reunião de uma elite de letrados e cidadãos distintos, e do apoio do poder público, promover bases históricas para a identidade nacional. Contudo, no século XX as universidades se tornaram os principais centros de formação de pesquisadores e de produção científica do Brasil (GUIMARÃES, 2011). O nascimento das universidades fora do contexto da tutela imperial e num momento de euforia modernizadora permitiu que a história aí produzida fosse concebida dentro de registros que extravasavam a perspectiva nacional (RIBEIRO, 1982). Nesse sentido, o incremento às pesquisas em larga escala decorreu da organização dos programas de pós-graduação e de recursos complementares ao orçamento universitário, concedidos por instituições governamentais de fomento criadas a partir de 1951, ainda sob os efeitos do ímpeto cientificista gerado pela Segunda Guerra Mundial (ALMEIDA, 2013).

Em vista disso, a estabilidade na segunda metade dos anos 1990 e a iniciativa do CNPq, ao longo dos anos 2000, de estabelecer uma base nacional de pesquisadores agrupados em grupos de pesquisa, incentivaram o surgimento de novas formas de apoio, incluindo os Projetos Temáticos. Estes foram concebidos com o intuito de promover iniciativas de pesquisa coletiva multi-institucionais, conforme apontado por Almeida (2013).

Assim, de acordo com Silva (2013), é possível constatar que os estudos medievais no Brasil não surgiram apenas como resposta às demandas específicas da área de História, mas também em decorrência do aumento do estímulo à pesquisa e da organização dos ambientes acadêmicos de forma mais ampla, promovidos pelo Estado. Contudo, esse contexto não propiciou que o notável crescimento dos estudos medievais ocorresse simultaneamente à sua integração plena no âmbito científico das demais disciplinas históricas e áreas das ciências humanas.

Por conseguinte, o impulso inicial para a expansão dos estudos de História Medieval no Brasil teve origem na criação, no final da década de 1980, de um programa pela CAPES, com o intuito de fortalecer áreas do conhecimento que então careciam de pessoal qualificado, incluindo a história medieval. Esse programa, com duração de aproximadamente cinco anos, concedeu bolsas de estudo, incluindo as chamadas "bolsas sanduíche", a diversos jovens, que posteriormente obtiveram seus doutorados e atualmente ocupam posições como professores e pesquisadores em várias universidades brasileiras. Além disso, os poucos professores doutores que já atuavam no campo dos estudos medievais também foram beneficiados com bolsas de pós-doutorado (SILVA, 2013).

Um ponto relevante a salientar é que a construção da história da Idade Média no Brasil não está exclusivamente ligada aos rumos da historiografia ibérica. Embora se concentre principalmente em fontes ibéricas, frequentemente o faz a partir de bases teórico-metodológicas que ultrapassam os limites da Península Ibérica. É notável a influência das historiografias inglesas e francesas, com suas múltiplas correntes teóricas e metodológicas, neste ponto.

A instauração das universidades no Brasil ocorreu com notável atraso em comparação com outros países da América. Nossas instituições de ensino emergiram em um contexto inteiramente distinto, influenciado pelo movimento Modernista, que buscava conferir significado à modernização do país (RIBEIRO, 1982). Para este, a compreensão e a incorporação da experiência nacional eram condições essenciais para a assimilação da modernidade advinda do exterior.

Nesse cenário, as universidades poderiam ser concebidas apenas como entidades autônomas, distanciadas tanto da ideologia nacionalista quanto da influência clerical. Este cenário apresenta dois aspectos positivos para os estudos medievais. Primeiramente, ao contrário da historiografia europeia, a abordagem da “nossa” Idade Média prescinde da questão nacional. Isso ocorre devido às distâncias geográficas que nos separam dos contextos nacionais europeus, mas também porque o conhecimento

histórico de maior influência produzido aqui nasce resistente ao enfoque nacionalista. Em segundo lugar, a Idade Média estudada neste contexto está claramente distante dos objetivos que a ligam ao projeto de construção da Europa (SILVA, 2013).

Precisamos destacar que, a partir da década de 90, os estudos medievais no Brasil experimentaram uma série de transformações, que resultou na expansão numérica e geográfica de núcleos de pesquisa dirigidos por especialistas com formação específica na área; no crescimento da produção bibliográfica marcada pelo rigor metodológico, e no reconhecimento da qualidade da “produção medievalística” nacional pela comunidade historiográfica brasileira e estrangeira (BASTOS, 2016).

Um impulso significativo para o crescimento dos estudos medievais no Brasil foi, sem dúvida, o movimento da “nouvelle histoire”, que propunha abordagens analíticas que pareciam viabilizar a produção de história medieval no país. Isso se deu principalmente por dois motivos. Primeiramente, houve uma valorização dos documentos literários ou narrativos, os quais, até o século XIX, eram frequentemente considerados de qualidade informativa questionável por grande parte dos historiadores. Em segundo lugar, o conceito de mentalidade, central à “nouvelle histoire”, ao postular a existência de aspectos comuns da experiência social expressos na cultura, legitimou teoricamente abordagens históricas baseadas em um único documento ou em conjuntos documentais homogêneos (PESAVENTO, 2005).

Dessa forma, à medida que os estudos sobre a História Medieval se consolidam no Brasil, há uma possibilidade de contribuirmos para que sua representação na memória histórica avance para além das concepções europeias, que historicamente definiram seu papel nos séculos XIX e XX. Isso implica em uma abordagem mais ampla e inclusiva, que considere as diversas influências e contextos que moldaram o Medievo em diferentes partes do mundo. Ao transcender as fronteiras nacionais e europeias, podemos explorar uma visão mais global e multifacetada desse período crucial da história humana.

Atualmente, tanto o senso comum histórico quanto os historiadores especializados em História Medieval têm delineado esse período de maneiras diversas. É provável que, em uma era de reflexão crítica, a visão dos medievalistas deva abarcar as múltiplas perspectivas. Jerome Baschet (2006) sugere que somos, ao mesmo tempo, observadores das várias construções da Idade Média, mas também e inevitavelmente, novos construtores dessas narrativas.

Além disso, é notável que os estudos sobre a Idade Média no Brasil abordam uma variedade de temas que refletem diversos interesses e preocupações dos pesquisadores. Entre os temas mais explorados, destacam-se questões relacionadas à estrutura social e política, às práticas culturais, religiosas e econômicas, bem como aos processos de interação e conflito entre diferentes grupos

sociais. A análise das fontes históricas também tem sido um ponto focal importante, incluindo o estudo de documentos escritos, iconografia, arqueologia e outras evidências materiais que ajudam no estudo do período medieval.

Essa variedade de temas e abordagens reflete a complexidade e a riqueza da Idade Média como objeto de estudo, evidenciando o dinamismo e a vitalidade da pesquisa acadêmica sobre o período medieval em nosso país. No contexto brasileiro, o período do Medievo é frequentemente exaltado por suas representações dos cavaleiros, dos torneios, das cruzadas, do feudalismo, da reconquista, dos vikings, além disso, a pesquisa histórica brasileira tem se dedicado a explorar aspectos menos conhecidos e estudados, como as interações entre diferentes culturas e regiões, as práticas religiosas e espirituais, o papel das mulheres, das minorias e das classes sociais menos privilegiadas, entre outros tópicos que contribuem para uma compreensão mais abrangente e inclusiva desse período histórico fascinante. Essa ampla gama de interesses e abordagens enriquece o panorama da pesquisa medieval no Brasil, tornando-o vibrante e dinâmico e indo além da relação do Medievo com a Europa.

Embora haja um notável crescimento nos estudos medievais, é importante salientar que entre os temas de pesquisa desenvolvidos pelos medievalistas brasileiros, alguns são predominantes enquanto outros são negligenciados acerca do Medievo ibérico. Há ainda um vasto território a ser explorado, tanto em termos de temas quanto de abordagens metodológicas.

HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA DO *POEMA DE MIO CID*

O *Poema de Mio Cid*, escrito em “língua vulgar”, é a obra mais conhecida dentre as dedicadas a Rodrigo Díaz de Vivar³. Ele enquadra-se em um gênero literário medieval denominado “canção de gesta”, de narrativas cantadas que contavam as façanhas de reis e nobres, em especial daquela cuja memória vincula-se aos grandes feitos em combate (MENÉNDEZ PIDAL, 1947, p. 223-230).

Sua autoria é um dos temas mais controversos e recorrentes nos estudos da “historiografia cidiana”. Contudo, há uma corrente dessa historiografia que defende sua autoria pertencente ao clérigo Per Abbat, por dois principais motivos: primeiro, pela presença constante do espaço religioso, representado pelo monasterio San Pedro de Cardeña; e em segundo, pela forte ligação histórica do protagonista da obra estabelecida com os monges desse mosteiro, sendo inclusive cultuado por eles em meados do século XIII (ALVARO, 2008). O clérigo poeta, então, por ser castelhano quis, entre outras coisas, exaltar a ligação do “herói” com um mosteiro bastante conhecido em Castela, isto é, as

³ Rodrigo Díaz de Vivar (Burgos, Espanha, 1043 - Valência, 10 de julho de 1099) morreu com 56 anos, chamado *El Cid* ("senhor") e de Campeador ("Campeão"), foi um "nobre guerreiro castelhano" que viveu no século XI, época em que a Espanha estava inserida num contexto conturbado entre cristãos e mouros (muçulmanos) (MENÉNDEZ PIDAL, 1947).

temáticas apresentadas pelo autor podem ser vistas como inspiração artístico-política do contexto em que ele estava inserido.

O *Poema* como o conhecemos atualmente foi uma cópia de um manuscrito feita no século XIV. Este, em seu estado atual, é composto por 74 fólhos num total de 3.733 versos e se encontra atualmente na Biblioteca Nacional de Madri. Sabe-se que falta uma folha no início do manuscrito e mais duas no interior, desta maneira podemos supor que o *PMC* em seu estado original tinha, aproximadamente, 4.000 versos, ou um pouco menos.

Alguns autores publicaram versões críticas do *Poema* como, por exemplo, Archer Huntington (1897), Ramón Menéndez Pidal (1911), Ian Michael (1978), Colin Smith (2008), entre outros. Para fins organizacionais o *Poema* encontra-se dividido em três partes: Desterro do Cid (Cantar I), em que é exilado, injustamente, pelo monarca Alfonso VI; Bodas das Filhas do Cid (Cantar II), suas campanhas na região do Levante se intensificam e ocorre a conquista de Valência, além do matrimônio de suas filhas, pelas mãos de Alfonso VI; e Afronta de Corpes (Cantar III), ocorre a restituição moral e financeira do *Cid*, já que suas filhas são afrontadas pelos Infantes de Cárrión.

No Brasil, tanto o personagem *El Cid* quanto o documento que visa enaltecer seus “feitos heroicos”, o *Poema de Mio Cid*, são frequentemente objetos de estudo por pessoas de diversas áreas, não apenas da História, que utilizam sua estória para análises. Em algumas dessas abordagens, o *Cid* histórico acaba se confundindo com o literário. Por consequência, a “lenda” permanece viva até hoje na região de Burgos, na Espanha. No entanto, em outras pesquisas, ocorre uma distinção entre esses “Cids”, possibilitando um estudo histórico mais preciso do personagem.

No que diz respeito aos estudos sobre o *Poema* realizados no Brasil, vamos nos valer de alguns exemplos para análise. Selecionamos dois artigos, uma monografia e três dissertações de mestrado para essa investigação.

O artigo intitulado “Abengalbón, o mouro Amigo do Cid” (1998), da professora de literatura espanhola da Universidade de São Paulo, María de la Concepción Piñero Valverde⁴, apresenta o caso de uma aliança e amizade pessoal um tanto peculiar, demonstrada no *Poema*, entre diferentes grupos étnicos e religiosos na Espanha Medieval. O *Cid* e o mouro Abengalbón têm uma aliança com interesses, pois, segundo a autora, o Mouro vê no *Cid* um guerreiro castelhano que poderia ser um poderoso aliado, cuja benevolência seria temerária desprezar. Já Rodrigo Díaz têm razões práticas em sua aliança, porque o mouro defendia uma posição estratégica entre as terras cristãs e a região de

⁴ Interessante destacar que esta autora, especialista em literatura medieval, com o intuito de contribuir para o aumento das pesquisas no Brasil, fez uma tradução que pode ser acessada ao lado do texto original em castelhano, o qual sempre se encontra disponível em nossas bibliotecas. Pode ser acessado em: <http://www.hottopos.com/notand3/miocid.htm>.

Valença, conquistada pelo *Cid*, mas isolada da região de Castela. Abengalbón seria, então, o elo indispensável que permite as comunicações entre Valença e o território castelhano.

Para Valverde (1998), foi a partir de necessidades estratégicas que se estabeleceu, inicialmente, a relação entre o *Cid* e Abengalbón, afinidade que o conhecimento mútuo transformou em estima e em amizade pessoal. Ainda segundo a autora, ao apresentá-lo assim, o poeta não somente expressa o conceito de que entre os adversários havia pessoas dignas do maior respeito, mas ressalta a conveniência de buscar aliados entre os senhores da Espanha árabe.

No decorrer do artigo a autora utiliza outras obras sobre o período, como por exemplo, a “Historia Roderici” e a “Chanson de Roland”, para procurar a veracidade histórica da existência desse mouro e legitimar sua relação de amizade com o *Cid*. Ela conclui que a poesia e a história conservam a lembrança do mútuo desejo de encontrar espaços de convivência, onde pudessem florescer o respeito, o apreço e mesmo a fraterna amizade, entre esses povos de fronteira, isto é, mouros e cristãos.

Outro artigo que vamos analisar, intitulado: “Poema de Mio Cid e a vida de Santo Domingo de Silos: um estudo comparativo a partir de dois textos do Século XIII” (2008), de autoria de dois especialistas em Medieval que vem se destacando bastante no Brasil, Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva e Bruno Gonçalves Alvaro. Neste artigo eles comparam a descrição dos clérigos *Jheronimo* e *Domingo de Silos*, personagens presentes, respectivamente, em dois textos escritos no século XIII: o *Poema de Mio Cid* e a *Vida de Santo Domingo de Silos*. Com o objetivo de buscar semelhanças e/ou diferenças acerca desses personagens, assim, buscam responder “Qual a relação entre a caracterização desses personagens e o papel social ocupado pelos clérigos em Castela nos séculos XII e XIII?”

Segundo os autores, este personagem selecionado no artigo, *Jheronimo*, é secundário na trama, mas interage diretamente com o protagonista *Cid*. Diferentemente de Rodrigo Díaz de Vivar (*El Cid*), amplamente documentado, *Jheronimo* não figura em nenhum texto literário ou histórico da *Hispania*. Em um primeiro momento buscam a legitimidade histórica deste personagem, para enfim compará-lo com o *Domingo de Silos*, pertencente ao poema-hagiográfico escrito pelo clérigo Gonzalo de Berceo.

Enfim, os autores chegam à conclusão de que os personagens recebem tratamento diferenciado no conjunto das obras em que figuram, já que ocupam papéis distintos nas narrativas. *Jheronimo* é um personagem secundário, enquanto *Domingo* é protagonista. As similitudes e diferenças entre eles podem ser explicadas, entre outros fatores, pelo público alvo e a temática central desenvolvida nas obras, a despeito dos autores terem sido clérigos. Per Abbat escreveu um poema épico, cujo público alvo era a nobreza laica envolvida com a chamada Reconquista e, provavelmente, muito influenciada

pelos ideais de guerra santa. Gonzalo de Berceo compôs um poema religioso, para propagar a devoção a um santo exemplar, seguindo o modelo ideal de clérigo aspirado pela Igreja Romana.

A monografia que destacamos para nossa análise sobre o uso do *Poema* foi intitulada “Pedro Afonso e o herói da Reconquista El Cid na Crônica Geral de Espanha” (2009), escrita por Luiz Filipe A. G. Coelho, especialista em medieval e atualmente docente adjunto do Centro Universitário Campos de Andrade. O objetivo do autor foi compreender por que esse “herói” recebeu tanto prestígio de um escritor português, quase dois séculos e meio após sua morte.

O autor busca analisar por que Pedro Afonso, Conde de Barcelos, cronista real da coroa portuguesa em meados do século XIV, dedicou grande parte de uma de suas maiores obras, a *Crônica Geral de Espanha* terminada no ano de 1344, a um “herói estrangeiro”, castelhano e cruzado, sendo que a luta contra os mouros estava quase no fim (tendo tal fato sido marcado no fim da Batalha de Salado com a vitória cristã dos reinos português e castelhano em 1340)? E em sua monografia busca responder tal questionamento utilizando outras obras sobre o Cid, como, por exemplo, *La España del Cid*, de Ramón Menéndez Pidal.

Ao final de sua pesquisa Coelho (2009), encontra as respostas à aproximação de Pedro Afonso e a “lenda” do *Cid*. Mas, certo modo, acaba por ser levado pela “visão romântica” do *Cid* lendário, “por ter sido um excelente guerreiro e estrategista”. Mas sua análise se torna de suma importância, pois acaba fazendo um estudo comparativo da imagem do Rodrigo Díaz de Vivar, em diferentes obras, como, por exemplo, a “Crônica Geral da Espanha”, o “Poema de Mio Cid” e “La España del Cid”. Fato que contribui para os “estudos cidianos” no Brasil.

Por fim, gostaríamos de apresentar três dissertações de mestrado que utilizam o *Poema* como documento. A primeira intitulada “O Senhor da Guerra: relações políticas e sociais da vida do Cid Campeador” (2006), por Bruno de Melo Oliveira. A segunda intitulada, “A construção das masculinidades em Castela no século XIII: um estudo comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos” (2008), escrita por Bruno Gonçalves Alvaro. E a terceira ““Dios, qué buen vassalo, si oviesse buen señor!”: as relações de negociação e poder monárquico em Castela no século XIII à luz do Poema de Mio Cid (1207)”, cuja autora é Livia Maria Albuquerque Couto.

Bruno Oliveira (2006), em sua pesquisa, busca analisar a guerra como meio de vida de indivíduos “desenraizados” e utiliza o Cid como exemplo, já que este foi desterrado da região de Castela. O autor reconhece no cavaleiro castelhano menos o símbolo manifesto de uma nação do que um indivíduo, ainda que paradigmático, inserido de pleno em seu tempo, e sujeito a todas as contradições e matizes que se impõem aos sujeitos históricos.

Em sua dissertação, o autor utilizou, principalmente, fontes literárias dedicadas às ações de Rodrigo Díaz de Vivar. Essas fontes dividem-se em dois grupos: as latinas e as fontes de língua

vulgar. O *Carmen Campidoctoris* e a *Historia Roderici* são fontes latinas compostas durante a vida do “herói castelhano”. O *Cartulário Cidiano* é composto pelo conjunto de documentos de doações de terras, de diplomas régios e documentos jurídicos nos quais Rodrigo figura ora como testemunha, ora como doador. Podemos destacar que a principal contribuição deste autor foi sua análise a respeito do contexto político-social o qual o *Cid* estava inserido, isto é, século XI. Através disso, encaramos o *cid* histórico e o ambiente que Rodrigo Díaz trilhava, para desvendarmos a participação do Cid neste “mundo castelhano”, demonstrando, ainda, o papel da guerra como agregadora, isto é, como um fenômeno importante de articulação social e política.

Já na dissertação de Bruno Alvaro (2008), o autor busca perceber, à luz dos Estudos de Gênero e através do Método Comparativo em História, como foram construídas as masculinidades no medievo ibérico, através de casos específicos de Castela no século XIII, a partir da análise dos discursos de duas obras selecionadas, o *Poema de Mio Cid* e a *Vida de Santo Domingo de Silos*. Segundo este autor, ao caracterizar os protagonistas, as obras apresentam um mesmo ideal de masculinidade, comum a leigos e religiosos, construído mediante qualificações positivas como coragem, bondade, fidelidade, compromisso com a fé cristã, etc., e em seu relacionamento com outros homens e mulheres.

Sendo assim, a principal contribuição de Alvaro (2008) nos “estudos cidianos brasileiros”, seria a percepção do *Poema de Mio Cid*, como um “manual comportamental”, no qual um clérigo, isto é, representante de uma Ideologia Cristã, queria demonstrar modelos comportamentais a ser seguidos, tanto masculinos, quanto femininos. Numa época em que a Igreja enfrentava problemas, principalmente, com relação a obediência da classe, denominada, cavaleiros.

E na dissertação de Lívia Couto (2019), a autora situa o conteúdo poético do *Poema de Mio Cid* em um contexto mais amplo, relacionando-o com as dinâmicas sociais e as estruturas de poder específicas da Castela do século XIII. Analisando tanto o momento em que se contextualiza a história narrada no documento (Século XI), como seu período de produção e transmissão (Século XIII).

Ela ressalta que o documento foi produzido durante o período entre as duas principais guerras do reinado de Alfonso VIII (Alarcos e Las Navas), argumentando que Alfonso VIII patrocinou a criação do *Poema* como um instrumento propagandístico para lidar com as relações sociais e de negociação entre a monarquia castelhana e a aristocracia. A autora destaca o uso da literatura cortesã como uma estratégia do monarca para mitigar as tensões com a aristocracia e legitimar seu próprio poder. Ao atribuir características propagandísticas, como equilíbrio, lealdade, cortesia, generosidade religiosa e o ideal de herói/guerreiro ao herói do poema, o rei castelhano buscava moldar a percepção social em seu benefício. Dessa forma, ao utilizar situações específicas do *Poema de Mio Cid*, Alfonso

VIII buscava fortalecer seu poder monárquico e facilitar discursos de negociação embasados nessas características.

Nesse contexto, observamos que há possibilidade de se estudar o Medieval ibérico através de um documento específico, isto é, o *Poema de Mio Cid*. Contudo, ainda podemos considerar escassos os estudos que empregam aspectos políticos como guia de pesquisa, especialmente quando se trata das relações de poder relacionadas à questão das terras. Vale ressaltar que estamos lidando com o período conhecido pela historiografia como Reconquista⁵, durante o qual foram incorporadas "novas terras" à região de Castela. Portanto, um aspecto que pode ser explorado utilizando o Poema como fonte documental.

Para concluir, depois de revisarmos os principais estudos sobre o *Poema de Mio Cid* no Brasil, salientamos que há lacunas que ainda persistem na análise desse documento, uma vez que se trata de uma fonte que pode ser explorada por diversas perspectivas, desde aspectos econômicos e políticos até culturais e sociais. Essas diferentes abordagens podem enriquecer ainda mais nosso entendimento sobre o período medieval ibérico e as complexidades que envolvem a sociedade da época. Portanto, há um vasto campo de pesquisa a ser explorado, o qual pode contribuir significativamente para o avanço dos estudos medievais no Brasil e além.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em tudo que foi dito, destacamos o equívoco de considerar a Idade Média, por muito tempo, como a "Idade das Trevas" ou a "longa noite dos mil anos". Esse viés preconceituoso persiste até os dias de hoje, e percebemos a urgência de desfazer uma série de mal-entendidos, julgamentos precipitados e clichês relacionados aos mil anos de história europeia entre os séculos V e XV (PERNOUD, 2004). Portanto, é imperativo desmistificar essa visão.

Diante desse panorama, compreendemos que no Brasil existe uma necessidade de legitimar os estudos sobre a Idade Média, o que requer uma participação ativa em discussões temáticas com outras disciplinas das Ciências Humanas. Esses debates são raros e dependem do engajamento da própria área em promovê-los em torno de seus problemas, métodos e conceitos, uma lacuna evidente tanto no senso comum quanto nos ambientes acadêmicos especializados em estudos medievais. Essa integração interdisciplinar pode enriquecer significativamente a compreensão da Idade Média e sua

⁵ O conceito tem sido objeto de discussão e problematização pela historiografia hispânica, que busca não apenas definir uma terminologia mais precisa para as características do período em questão, mas também por conta da necessidade de questionar esse conceito histórico, destacando o contexto de sua produção e a ideologia que permeia sua utilização. Para nós, é importante compreender o contexto da Reconquista como "um processo crucial na Idade Média peninsular, caracterizado pela expansão militar às custas do Islã ocidental, revestido e impulsionado por uma ideologia militante baseada nos princípios de guerra santa e guerra justa, e que teve uma influência decisiva na formação das sociedades de fronteira" (GARCÍA FITZ, tradução nossa, 2009, p. 201).

relevância para o contexto histórico, cultural e social atual. Portanto, é fundamental promover uma maior interação entre os estudiosos da Idade Média e outras áreas do conhecimento, a fim de superar preconceitos e contribuir para uma visão mais ampla e precisa desse período histórico.

Conforme Silva (2013), até o final da década de 1990, era incomum encontrar títulos sobre a Idade Média publicados por editoras brasileiras. Nas bibliotecas universitárias, a presença de livros sobre temas medievais era praticamente inexistente. Além disso, havia pouquíssimo interesse no ensino e na pesquisa relacionados ao período. No campo específico da História Medieval em nosso país, ainda segundo Silva (2013), há um vasto território a ser explorado tanto em termos de temas quanto de abordagens, documentos a serem analisados e na aplicação de diferentes teorias, métodos e técnicas de pesquisa. Essa escassez de material disponível e interesse reflete a necessidade de um maior investimento e reconhecimento dos estudos medievais no Brasil. À medida que mais recursos são direcionados para essa área e mais pesquisadores se dedicam ao tema, é possível esperar um crescimento significativo na produção acadêmica e no entendimento da Idade Média em nosso país.

Podemos citar que o estudo do *Poema de Mio Cid* é de grande importância para a compreensão do Medieval Ibérico por diversas razões. Primeiramente, o *Poema* é uma fonte histórica e literária que nos oferece perspectivas sobre a cultura, a sociedade e os valores da Espanha medieval. Em segundo lugar, ao analisarmos essa obra, podemos entender melhor as dinâmicas políticas, sociais e culturais que moldaram a Península Ibérica durante esse período crucial de sua história. Além disso, o documento foi uma das primeiras obras literárias importantes escritas em língua espanhola, o que o torna um marco significativo no desenvolvimento da literatura e da identidade espanhola. Estudar esse poema nos permite compreender não apenas o contexto histórico em que foi escrito, mas também a evolução da língua e da cultura espanholas ao longo do tempo.

No entanto, é importante ressaltar que os estudos sobre o *Poema de Mio Cid* no Brasil ainda são escassos. A maioria das pesquisas sobre a Idade Média Ibérica no país tende a se concentrar em outras fontes e aspectos históricos, deixando de lado esse documento. Isso representa uma lacuna significativa no entendimento do período histórico em questão, pois o *Poema* oferece perspectivas sobre a sociedade e os eventos da Idade Média na Península Ibérica. Portanto, explorar e analisar este documento pode contribuir de maneira significativa para um entendimento mais completo e aprofundado do medieval ibérico, ajudando a preencher essa lacuna nos estudos históricos brasileiros e enriquecendo nossa compreensão da história e da cultura da Espanha medieval.

Apesar do aumento recente nos estudos ligados ao período medieval em nosso país, ainda não é suficiente para preencher as lacunas deixadas. No que diz respeito ao estudo do Medieval Ibérico é crucial para uma compreensão abrangente da história do Brasil. Ao mergulharmos nos contextos políticos, sociais e culturais da Península Ibérica durante esse período, podemos desvendar as origens

e os fundamentos da colonização portuguesa e espanhola que moldaram nosso país. Essa compreensão nos permite contextualizar a formação do Brasil como nação, reconhecendo as influências e legados culturais deixados pela colonização ibérica, que perduram até os dias de hoje.

Os eventos e processos históricos que ocorreram na Península Ibérica, como a Reconquista Cristã e a expansão ultramarina, tiveram impacto direto ou indireto na colonização e na história colonial do Brasil. Portanto, ao estudarmos a Idade Média Ibérica, somos capazes de entender melhor as origens e os desdobramentos desses eventos na história brasileira, enriquecendo nossa compreensão dos processos históricos compartilhados entre os dois contextos. Além disso, o estudo do Medieval Ibérico nos ajuda a compreender as complexidades da identidade nacional brasileira. Em um país multicultural e multirracial como o Brasil, é essencial reconhecer e valorizar as diversas influências culturais que contribuíram para a formação da nossa sociedade. A cultura ibérica medieval é uma dessas influências, e compreender suas origens e seus legados nos permite construir uma identidade nacional mais completa e inclusiva, que reconhece e celebra a diversidade das nossas raízes históricas.

Finalmente, estudar História para Hilário Franco Jr. (2008), – de qualquer época e de qualquer local – não deve ser tarefa utilitarista. A função de seu estudo é mais ampla e importante; é desenvolver o espírito crítico, é exercitar a cidadania. Ninguém pode atingir plenamente a maturidade sem conhecer a própria História, e isso inclui, como não poderia deixar de ser, as fases mais recuadas do nosso passado. Assim, a pesquisa da História Medieval Ibérica é tão legítima quanto optar por qualquer outro período histórico.

REFERÊNCIAS

a) Principais fontes de investigação:

ANÔNIMO. **Poema de Mio Cid**. Edición de Alberto Montaner Frutos. Madrid: Critica, 2003.

ANÔNIMO. **Poema de Mio Cid**. Edición de Colin Smith. 22 ed. Madrid: Catedra, 2008.

ANÔNIMO. **Poema de Mio Cid**. Texto antigo preparado por Ramón Menéndez Pidal, seguido de prosificación moderna por Alfonso Reyes. Madrid: Espasa-Calpe, 1948.

PIÑERO VALVERDE, María de la Concepción. **O Poema de Mio Cid**: subsídios para uma tradução brasileira. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand3/miocid.htm>>. Último Acesso: 01/05/2023.

b) Fontes Analisadas:

ALVARO, Bruno Gonçalves. **A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII**: Um Estudo Comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos. Dissertação (mestrado) – UFRJ/ IFCS/ Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2008.

ALVARO, Bruno Gonçalves; SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Poema de Mio Cid e a Vida de Santo Domingo de Silos: um estudo comparativo a partir de dois textos do século XIII. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v.3, n. 6, abr. - out. 2010.

COELHO, Luis Filipe Alves Guimarães. **Pedro Afonso e o Herói da Reconquista El Cid na Crônica Geral de Espanha**. Monografia. Universidade Federal do Paraná, 2009.

COUTO, Lívia Maria A. “**Dios, qué buen vassalo, si oviesse buen señor!**”: as relações de negociação e poder monárquico em Castela no século XIII à luz do Poema de mio Cid (1207). Dissertação (mestrado) – UFS/ Programa de Pós-Graduação em História, 2019.

OLIVEIRA, Bruno de Melo. **O senhor da guerra**: relações políticas e sociais da vida do Cid Campeador. Dissertação (mestrado) – UFF/ Programa de Pós-Graduação em História, 2006.

VALVERDE, María de la Concepción Piñero. Abengalbón, o Mouro Amigo do Cid. **Caligrama** - Belo Horizonte, 3:15-24 – novembro/1998.

c) Bibliografia

ALMEIDA, Néri de Barros. A História medieval no Brasil. **Revista Signum** - Belo Horizonte. 2013, vol. 14, n. 1.

ARAÚJO, Valdei Lopes de. Lições sobre a escrita da história: as primeiras escolhas do IHGB. In: NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das et al. (orgs.). **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

BANNIARD, Michel. **Gênese cultural da Europa**. Lisboa: Terramar (S/D).

BASCHET, Jerome. **A civilização feudal**. São Paulo: Globo, 2006.

BASTOS, Mário Jorge da Mota. Quatro décadas de História Medieval no Brasil: contribuições à sua crítica. **Diálogos** – Brasília. v. 20, n. 3.

BROWN, Peter. *O fim do mundo clássico*. Lisboa: Verbo, 1972.

CARDOSO, Ciro Flamarion S; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

- CERTAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Universitária, 2011.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 5, n. 11, 1991.
- DUBY, Georges. **A História Continua**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. Raízes Medievais do Brasil. **Revista USP**, São Paulo, agosto de 2008.
- GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Sobre a história da historiografia brasileira como campo de estudos e reflexões. In: NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das et al. (orgs.). **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- LOPEZ, Roberto. **El nacimiento de Europa**. Barcelona: Editorial Labor, 1965.
- MACEDO, José Rivair; MONGELLI, Lênia Márcia (Org.). **A Idade Média no cinema**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. **La España del Cid**. Madrid: Espasa-Calpe, 1947.
- PERNOUD, Régine; GONÇALVES, Antônio Manuel. **Luz sobre a Idade Média**. Europa América, 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo. Horizonte: Autêntica, 2005.
- RIBEIRO, DARCY. **A universidade necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- ROUSSET, Paul. **História das Cruzadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Os estudos medievais no Brasil e o diálogo interdisciplinar. **Medievalis** – Rio de Janeiro. Vol. 1 (2), 2013.
- SILVA. Andréia Cristina Lopes Frazão. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. *Cronos*: **Revista de História**, Pedro Leopoldo, n. 6, 2002.